

**AS TENDÊNCIAS DO AMOR NO CONTEXTO DA DINÂMICA MODERNA
EM A ETERNIDADE E O DESEJO , DE INÊS PEDROSA**

**THE TRENDS OF LOVE IN THE CONTEXT OF MODERN DYNAMICS IN A
ETERNIDADE E O DESEJO, BY INES PEDROSA**

¹Tainá Matos Lima Alves¹; Alessandra Leila Gomes²

¹Bolsista PROBIC/UEFS, Graduada do Curso de Licenciatura em Letras com
Língua Espanhola, Universidade Estadual de Feira de Santana e-mail:
taialves_08@hotmail.com

²Orientadora, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira
de Santana, e-mail:
allexleilla@gmail.com

Resumo

A proposta deste artigo é analisar, através da investigação bibliográfica, em especial nos estudos literários, as novas tendências do amor no universo feminino na sociedade moderna “líquida” a partir de um recorte feito no romance A eternidade e o desejo (2008), de Inês Pedrosa. Como apoio teórico, foram usados textos das áreas da Literatura, Filosofia, Sociologia e Estudos Culturais, com enfoque na interpretação da autora contemporânea portuguesa Inês Pedrosa, cujo corpus fornece elementos para a análise do discurso amoroso deste recorte. Busca-se, aqui, estabelecer as representações no contexto moderno/contemporâneo, das relações de amor e de amizade, tomando-se como real a ideia do mundo “líquido” ocidental, analisado por Bauman (2001). Assim, pretende-se ampliar tal discussão a fim de compreender e fomentar questões acerca das novas faces e papéis da mulher na sociedade. Dessa forma, os conceitos citados neste artigo compreendem as fases de leitura, fichamento e análise das informações, imagens e cenas que problematizam o tema do amor.

Palavras-chave: amor; literatura; mulher; representação.

Abstract

The purpose of this paper is to analyze, through literature investigation, particularly in literary studies, new trends of love in the female universe in "liquid" modern society from a cut made in novel A eternidade e o desejo (2008), by Inês Pedrosa. As

theoretical support, were used texts from the fields of Literature, Philosophy, Sociology and Cultural Studies, focusing on the interpretation of the contemporary portuguese author Inês Pedrosa, whose corpus provides evidence for the analysis of the loving discourse in this cut. Search is here to establish the representations in the modern / contemporary context of the relations of love and friendship, taking as real the idea of the western "liquid" world analyzed by Bauman (2001). Thus, it's intended to extend this discussion to understand and encourage questions about the new faces and roles of women in society. In this way, the concepts mentioned in this article include the phases of reading, cataloging and analysis of information, images and scenes that approach the theme of love.

Keywords: love; literature; women; representation.

INTRODUÇÃO

O presente estudo parte do pressuposto de que, na modernidade, era técnica da informatização, onde os processos vitais estão em ritmos cada vez mais acelerados, é ainda grande a combinação entre amor e morte. Bauman (2001) afirma que a principal metáfora para o estágio presente da era moderna é a “fluidez”. Para ele:

[...] diferentemente dos sólidos os líquidos não mantêm sua forma com facilidade, não fixam o espaço nem predem o tempo [...] Os fluidos se movem facilmente. Eles “fluem”, “escorrem”, “esvaem-se”, “respingam”, “transborda”, “vazam”... diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho[...]. (BAUMAN, 2001. p. 8). [Grifos nossos]

Nesse sentido, considerando o declínio dos laços afetivos, abre-se espaço suscetível para dialogarmos e introduzimos os pressupostos que advêm da leitura de Denis de Rougemont (2002), que considera a impossibilidade de existência narrativa do amor feliz, mito ainda hoje bastante cultivado por homens e mulheres contemporâneos. Segundo Rougemont, sendo o amor-paixão mortal, tudo o que há de universalmente emotivo nele o leva à morte. Compreende-se, assim, que o pensamento geral acerca do amor, ainda hoje, é pautado na ideia de um lirismo ocidental, que por um lado exalta o amor não realizado, o amor infeliz, provocador do sofrimento da paixão, e, por outro, influencia sua representação, na literatura, da eterna demanda de amor das personagens.

Tomado como base de orientação teórica as questões propostas por Zygmunt Bauman (2008), que nos seus estudos acerca das relações afetivas e, conseqüentemente da progressiva falta de consistência dos laços humanos na sociedade moderna e contemporânea, desenvolve a noção de “liquidez”, percebemos, aqui, que essa ocorrência implica desestabilização e inconstância, culminando na superficialidade das

relações humanas. Bauman, explica que o consumo de afetos na modernidade líquida é a fonte principal de satisfação, capaz de transformar o ser desejado em objeto de consumo. Os objetos, no entanto, perdem rapidamente seu poder de sedução, e, depois de consumidos ao máximo, são descartados e trocados por outrem — círculo ou prática da qual o indivíduo, na condição de sujeito, não consegue se desvincular, devido à necessidade constante dos objetos, pois é a partir do consumo, da posse de novos sujeitos, que a sua subjetividade é reafirmada.

As discussões relacionadas aos avanços dos papéis femininos são temáticas que tangenciam a obra da autora Inês Pedrosa, e, a partir dessas concepções, abre-se um espaço suscetível para inserimos a leitura do romance *A eternidade e o desejo* (2008), da autora supracitada. Esse texto é a base que usamos a fim de fomentar as discussões relevantes em torno do mito do amor.

A narrativa da escritora portuguesa contemporânea parte de alguns recortes do drama das relações amorosas atuais, que explicitam a dinâmica das vivências afetivas das suas protagonistas, para lançar as imagens e conceitos cujos percursos discursivos dialogam com diversos mitos que circundam o amor, a paixão, a solidão, a feminilidade, a falta, o desejo e a ilusão de eternidade buscada pelos seres humanos em suas relações afetivas. Assim, Clara, Emanuel e Sebastião, personagens da obra, representam três fortes tendências contemporâneas, em que a confusão entre amor e amizade, presença e ausência, vida e morte, desejo e medo, efemeridade e constância, são matérias primas.

Consideramos, também, as ideias de Giddens, que em seu livro *A Transformação da intimidade* (1993), chama à atenção sobre a abordagem de Foucault acerca da natureza do amor, (des)tratada em sua célebre obra *A História da Sexualidade* (1981). Giddens afirma que Foucault desconsiderou a natureza do amor e, sobretudo, a ascensão dos ideais do amor romântico. Para Giddens, a transmutação do amor é tanto um fenômeno da modernidade quanto foi para Foucault a emergência da sexualidade, sendo que a primeira está relacionada às questões da reflexividade e da auto-identidade, enquanto a segunda é decorrência do universo complexo formador de homens e mulheres. A crítica de Giddens é para a demasiada ênfase que Foucault pôs na sexualidade em detrimento do gênero sexual, bem como para o seu silenciamento quanto às conexões da sexualidade com o amor romântico, fenômeno intimamente vinculado às mudanças na família:

Foucault colocou demasiada ênfase na sexualidade em detrimento do gênero sexual. Silenciou quanto as suas conexões da sexualidade às mudanças na família. Além disso, sua discussão da natureza da sexualidade permanece em grande parte no nível do discurso. Finalmente, deve-se colocar em questão a sua concepção do *eu* em relação à modernidade. (GIDDENS, 1993. p.34).

A nova configuração nas relações humanas, bem como a desarrumação da ordem social entre os sexos, provocadas pelas constantes mudanças do papel da mulher no mercado de trabalho e na configuração da família e, por conseguinte nos laços afetivos, promoveu, desde o fim do século XIX, o fenecimento da cultura que, baseados em mitos até então bem alicerçados, estabelecia o papel social de homens e mulheres, de modo que, a partir de então, todas as leis que regiam o comportamento e a identidade sexual, sobremaneira, entram em colapso. Esse é um fator relevante para que, hoje, consideremos que estamos vivendo em uma era de extremos, refletida no nosso entendimento de tudo, inclusive do amor. Como observa Sebastião, personagem de *A eternidade e o desejo*: “É terrível não amar ninguém, Clara. Seremos tão capazes de nos deitarmos nos braços uns dos outros sem sequer encostarmos a sombra da alma [...]” (PEDROSA, 2008, p.67).

Em *O pequeno tratado das grandes virtudes*, Sponville discorre acerca do amor-amizade — denominado pelos gregos de *Philia* — como condição essencial para a felicidade, pois se trata de um afeto entre iguais, desprovido de ciúmes, angústias e sofrimentos — diferentemente do amor-paixão, denominado de *Eros* na cultura grega (SPONVILLE, 1998). Sobre o amor-paixão, ele ainda nos fala que esse é desejo do que falta, apontando para a ideia de que, na prática, o “amor não é completude, mas incompletude. Não fusão, mas busca. Não perfeição plena, mas pobreza devoradora” (SPONVILLE, 1998, p.252).

Essa busca do amor eterno aparece no *Banquete*, de Platão, a partir de uma fala de Aristófanes, que revela uma crença: Eros busca no outro a sua completude. Sponville comenta: “Aristófanes nos diz exatamente, sobre o amor, o que todos gostaríamos de acreditar (é o amor como sonhamos, o amor saciado e saciante: a paixão feliz) [...]” (SPONVILLE, 1998, p.247). Tal ideia ainda está presente nas falas e vivências das pessoas, em geral, bem como nas representações literárias contemporâneas. Porém, ele completa: “[...] ao passo que Sócrates diz o amor como ele é, destinado à carência, à

incompletude, à miséria, e que por isso nos destina à infelicidade ou a religião.” (SPONVILLE, 1998. p.247).

Tal pensamento vincula-se ao estudo de Furtado (2008), o qual nos diz que na sociedade contemporânea líquida a promessa de amor eterno é uma mentira necessária, um “mecanismo de auto-engano cuja finalidade é um bem: a preservação da felicidade, evitando o desgosto de uma perspectiva em que o amor presente está fadado a um fim próximo” (2008, p.103). É o que acontece com Clara, protagonista do livro *A eternidade e o desejo*, de Inês Pedrosa, *corpus* deste estudo. Ao apaixonar-se por Antonio, Clara relata seu desejo pela permanência ou eternidade: “Eu queria ficar para sempre com aquele homem.” (PEDROSA, 2008, p.45). Contudo, tratando-se de uma sociedade “líquida”, a promessa de amor eterno só tem respaldo na arte. O mito do amor-paixão, saciado, saciante e feliz, que encontra completude no outro, dá espaço para as relações de consumo que tramitam na dinâmica desejo-consumo-extinção-novo desejo: “[...] sei que ele pode morrer amanhã, trocar-me no próximo instante por outra ou por outro [...]” (PEDROSA, p.152). Algo parecido acontece com Sebastião, também personagem do mesmo livro, ele relata a Clara:

Conto-te. A jovem procurou-me no meu quarto. Depois de fazer amor com ela senti de súbito uma vontade fortíssima de possuir uma outra, uma professora convidada, mais velha do que eu, que conhecera há dias. Não gostarás do verbo possuir, bem sei, mas é aquele que melhor define o meu ímpeto daquela noite. De facto, percebera que ela também se sentia muito atraída por mim. Deixei minha namorada a dormir e fui ter com essa outra. Era como se tentasse saturar-me de corpos de mulher. Desaparecer no fundo delas. Fazer com que elas desaparecessem no fundo de mim. Provar que era o maior ganhanho do mundo. Sei lá o que eu queria, Clara. A professora abriu-me a porta, levou-me para a cama, e foi uma noite de sexo absolutamente sublime. De manhã, quando acordei e olhei para ela, que dormia ainda, fugi para a praia. (PEDROSA, 2008, p.65-66).

Uma “saída”, como mostra Pedrosa no mesmo livro, é a consciência do ciclo de sofrimento do amor-Eros, e o investimento no amor *philia*, como faz Clara no romance: após perder a visão em consequência de ter levado um tiro para defender seu amado, ela busca uma nova concepção de amor, dialogando abertamente com o *Sermão de Nossa Senhora do Ó*, do Padre Antônio Vieira, que inspirou a obra de Pedrosa. Assim, a dinâmica do amor-Eros e amor-Philia é representada em *A eternidade e o desejo* (2008) pela protagonista que empreende uma viagem ao Brasil: deseja conhecer a Bahia de

Padre Antônio Vieira, autor de sua predileção. Conhecedora do conceito de amor puro de Vieira, Clara ficou cega em decorrência de sua paixão por um brasileiro, que, tempos depois, a abandona. Em viagem ao Brasil, ela descobre que seu melhor amigo e guia, Sebastião a ama do mesmo modo desesperado e ilusório com que ela, no passado, se entregou — a ponto de colocar sua vida em perigo. Assim, ela reflete:

Temos sensibilidades gêmeas, sim- mas não é isso que nos trará um casal, nunca. Poderia até fazer amor contigo, se não te amasse de uma forma tão envergonhada, transparente, pouco conjugal. Amor físico é feito de desvergonhas e intimidade, e eu não posso ser íntima de uma pessoa que é feita da minha própria massa- experimentamos demasiadas afinidades para podermos ser amantes. E não somos tão leves, nem tu nem eu, que pudéssemos ter prazer um com o outro sem que a nossa cumplicidade fosse afectada [...] (PEDROSA, p.145-146).

Tendo consciência das artimanhas do amor e da sua dialética de completude-falta, e tendo no próprio corpo a marca dessa dialética (é simbólica a perda da visão em Clara em virtude de ter se jogado na frente de uma arma para proteger seu amado), ela se nega a manter tal chama acesa no amigo e nela mesma:

Rogas-me que te deixe amares-me, só está noite. Prometes que amanhã de manhã voltarás a ser o meu amigo que eu quero. Mas é sempre como amigo que eu te quero, Sebastião. Não posso perder isso, ou perco tudo. Amantes há muitos esboram-se com a madrugada [...] Amo-te como amigo Sebastião. Acredita que é esse amor que dura [...] Agora só te tenho a ti e não quero perder-te a troco de uma noite de sexo. Por que sei que te perderia, Sebastião. E não aguento mais perdas[...] (PEDROSA, p.120). [grifos nosso].

Platão nos diz, através de Sócrates, acerca do amor e de sua relação com a falta. Sponville comenta esse pensamento socrático: “Se nem todo desejo é amor, todo amor (pelo menos esse amor: erôs) é desejo: é o desejo determinado de certo objeto, enquanto nos faz falta *particularmente*” (1998, p.252). Por medo da efemeridade dos laços afetivos, Clara opta por conservar o amor de Sebastião em um plano simbólico:

Amo-me muito melhor desde que te amo a ti – e é por isso que nunca deixarei de te amar, mesmo quando formos já só amigos. Só amigos, nunca mais seremos, tens razão: o prazer explosivo dos nossos dois corpos juntos lumina-nos-á em definitivo, quando a isso a que chamamos amor se tiver despedaçado contra a banalidade dos dias, que é sempre maior do que a pobre vontade humana. Um dia Emanuel, o meu estômago deixará de estremecer a aproximação do

teu perfume, o meu coração deixará de palpitar ao escutar os teus passos, e a minha cabeça terá de imaginar histórias perversas para que o meu corpo consiga molhar-se de desejo pelo teu. Nesse dia, espero que consigamos o feito da amizade. Espero que consigas gostar tanto de mim que transportes a lembrança do nosso encontro para o segredo da intimidade que depois de mim vais encontrar noutras mulheres. Pedes-me que me cale. Dizes que pensar no futuro arruína o encanto do presente. (PEDROSA, 2008, p. 163).

Clara demonstra nesse trecho a banalidade do amor, recorre ao amor *philia* e evita as consequências advindas do amor *Eros*, pois, cega no passado em virtude de ter acalentado tal crença, ela sabe que quando realizado, Eros é efêmero e tende ao fracasso. Nesse sentido, há um jogo interessante com amar e ficar cego, ser cego e estar apto para amar: Clara lembra diversos mitos da nossa cultura em que as relações entre ver e amar estão intrinsecamente relacionadas, como ocorre com Orfeu que insistiu em olhar para trás e, assim, perdeu para sempre Eurídice no reino dos mortos; o da mulher de Ló, transformada em estátua por desobedecer a orientação do anjo; ou Psiquê, cuja curiosidade de ver Eros foi maior que o pacto amoroso. Sendo a visão um dos sentidos mais comumente ligado à noção de verdade — daí a ideia de que “vimos com esses olhos que a terra há de comer”, da testemunha ocular, do ver para crer etc. —, o amor-paixão em *A eternidade e o desejo* só pode ser analisado a fundo pela personagem que perdeu a visão em decorrência da *cegueira do amor*. Tornando-se cega fisicamente, e não mais simbólica e afetivamente, Clara (atentemos para o jogo com o nome da personagem cega) é aquela que busca a verdade do amor por trás das ilusões e confusões humanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A personagem de Inês Pedrosa, Clara, expressa um medo comum dos indivíduos na contemporaneidade que, inseridos em uma sociedade de “relações líquidas”, sabem que a qualquer momento poderão ser excluídos do centro da vida do outro. Assim, empreendem esforços para ser, antes, o sujeito que detém o poder ou a prerrogativa de agir, ou seja, de excluir o outro. Entretanto, a narrativa de Pedrosa aponta outra saída: a relação equilibrada e consciente entre os sujeitos. Em vez de tomar o outro como objeto, Clara, ora cega fisicamente, consegue enxergar Sebastião no mesmo plano em que ela está e propõe a ele a manutenção dessa transparência na relação.

Com esses conflitos, Inês Pedrosa mostra a consciência da efemeridade dos laços afetivos na sociedade contemporânea, não ignorando, entretanto, a permanência e o cultivo do amor-paixão, mitificado pelo senso comum, mídia e na própria formação dos indivíduos que são criados para alcançarem o platô: emprego dos sonhos, casamento dos sonhos, casa e carro dos sonhos, filhos dos sonhos etc. Esses mecanismos de fabricação do mito da felicidade burguesa estão fadados ao fracasso, uma vez que, mesmo alcançados, não suprem as demandas humanas — que são dinâmicas e jamais acabadas.

O romance mostra que as conquistas são passageiras, assim, na nova ordem os bens materiais alcançados igualam-se aos bens simbólicos-afetivos e tornam-se insuficientes ou banalizam-se, frente às novas necessidades dos sujeitos. O desejo luta com a eternidade no romance de Pedrosa, porém, é a personagem que está cega que lê as impossibilidades desse combate ter um final, senão feliz, ao menos equilibrado.

A partir dessas ideias, este estudo explicitou aspectos das novas tendências do amor na contemporaneidade, buscando, a partir do recorte do romance da autora portuguesa, refletir sobre o papel social desempenhado pelas mulheres emancipadas e, em especial, como as mulheres lidam com sua demanda de amor hoje. Dessa forma, percebemos que a representação da mulher na literatura de Pedrosa aponta pra uma identidade própria, complexa e mutante, mas desvinculada de uma cultura falocêntrica que nos restringia ao projeto de esposa e mãe. Com *A eternidade e o desejo* o embate entre mulher e homem, masculino e feminino, amor e a sexualidade, sujeito e sociedade adquirem uma sutileza que põem em evidência esses outros aspectos da modernidade “líquida”.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **Amor líquido**: Sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade. Rio de Janeiro: Graal, 1981.**

FURTADO, Pedro Calabrez. **A mentira necessária: um ensaio sobre a promessa de amor eterno na sociedade contemporânea.** *Revista Contemporânea*, nº10, ESPM, São Paulo ESPM, 2008, pp.94-105.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade; Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas.** Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

PEDROSA, Inês. **A eternidade e o desejo.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

PLATÃO. **O banquete.** In: *Diálogos*. Trad. José Cavalcante de Souza. São Paulo: Abril, 1972.

ROUGEMONT, Denis de. **História do amor no Ocidente.** Trad. Paulo Brandi e Ethel Brandi Cachapuz. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

SPONVILLE, André-Comte. **Pequeno tratado das grandes virtudes.** Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1998.